

LUXO RUINOSO

12. II. 58

O senhor Juscelino Kubitschek de Oliveira opinou sobre a implantação do parlamentarismo no Brasil. É um direito que ninguém lhe pode contestar. Opinando, manifestou-se êle contra a reforma. É também êste um direito incontestável. Quase diríamos ser êste um direito natural: como poderiam deixar de ser presidencialistas os politicamente que às graves imperfeições do presidencialismo devem as suas vertiginosas e imerecidas ascensões? Juscelino Kubitschek parlamentarista, João Goulart parlamentarista, Jânio Quadros parlamentarista seriam monstruosas contradições. Se o que desejam é o poder, o poder irrestrito e sem peias, o poder irresponsável, como haveriam êles de trocar o presidencialismo, ao qual devem tudo, pelo parlamentarismo, com o qual nada, ou muito pouco seriam?

O sr. Juscelino Kubitschek opinou, pois, contra o parlamentarismo, e opinou coerentemente contra êle. Mas é um político que tem as suas responsabilidades, quando por mais não seja, por estar ocupando a presidência da República. Ele pode condenar o parlamentarismo, mas tem obrigação de escolher os argumentos. Verdadeiros argumentos não os há, mas há argumentos mais ou menos apresentáveis, argumentos que, longe de depôr contra a inteligência e a cultura do argumentador, nele denotam certo engenho.

Ora, o nosso presidente, ao enfileirar-se sob o comando do general Henrique Lott, nas hostes anti-parlamentaristas, mostrou, mais uma vez, ser o espírito superficial e leviano que todos conhecem. «Não creio — disse êle — que tenhamos chegado a uma situação social que nos permita o luxo de flutuar com governos ao sabor de votos de confiança». Condenando por tal motivo o sistema parlamentar (flutuarem os governos ao sabor da opinião pública) do mesmo passo condenou o Presidente a democracia representativa, de que se diz expoente.

Que é, com efeito, democracia, senão governo da opinião? E, se muda a opinião, como não há-de mudar o governo que a representa? Bem se vê que, condenando o parlamentarismo pelo alegado motivo, o que o sr. Juscelino Kubitschek condenou verdadeiramente foi o regime

democrático. Pertence êle a aquela categoria de políticos, para os quais democracia é uma ditadura mais ou menos temporária e eletiva. A origem do poder lhe consagra todos os vícios.

Luxo, não necessidade característica do regime, é, para êle, o flutuar dos governos ao sabor dos votos de confiança. Pois luxo seja. Quem paga, porém, êste luxo? Será o povo, com os impostos e com a sua liberdade? Evidentemente não. Com governos efetivamente responsáveis, os impostos são mais bem aplicados e mais garantida se acha a liberdade. O povo não paga êste luxo e apenas o frui. Pagam-no, sim, os políticos incapazes e ambiciosos que, com o sistema parlamentar, ou não alcançam o poder, ou nele não logram manter-se. Para êles, o sistema parlamentar não pode deixar de ser luxo, e luxo caro.

Há, entretanto, um luxo arruinadoramente caro e que o povo paga com suor, lágrimas e sangue. É o luxo, a que se dão as nações americanas, de ter um sistema próprio de governo, e brincar de democracia com um instrumento imperfeito e, por isto, grandemente perigoso, como é o sistema presidencial. Pagam-no elas com a desordem econômica e financeira, com a decomposição moral, com ditaduras, revoluções e golpes de Estado. Quase não há semana, em que se não registre um movimento armado na América Latina. Caem as ditaduras, para serem substituídas por outras, pois só ditaduras sabe gerar o presidencialismo. O único país que por tal preço não paga o desgraçado sistema são os Estados Unidos, mas, ainda assim, grandes e geralmente reconhecidos pelos próprios estado-unidenses são os seus defeitos.

Neste luxo ruinoso deveria atentar o sr. Juscelino Kubitschek, se êle também não fôsse um seu beneficiário. Mas, para os homens da sua formação moral e política, tudo vai bem, desde que tenham o poder à sua disposição. Esqueceu, porém, que êste lhes pode fugir desastrosamente das mãos, quando menos esperem.